

# O milho no segundo semestre de 2012

Autores: Rubens Augusto de Miranda e João Carlos Garcia - pesquisadores da Área de Economia Agrícola da Embrapa Milho e Sorgo, de Sete Lagoas, MG



**João Carlos Garcia**

é um dos autores desta análise, é agrônomo e doutor em Economia Rural

**C**omo estarão os preços do milho no mercado interno do Brasil nos próximos meses? Qualquer previsão sobre valores inclui a análise de cenários possíveis de mercado que incluem aspectos já definidos, como também aspectos que se encontram em processo de desenvolvimento.

Dentre os aspectos já definidos, está o tamanho da segunda safra de milho, que deve ser analisado sob dois ângulos. O primeiro é se a segunda safra será suficiente para cobrir a redução da produção verificada na primeira safra. Como não se consegue consumir toda uma safra anual em poucos meses, uma eventual redução na primeira safra, que seja compensada na segunda, tem pouco efeito sobre os preços no segundo semestre, embora o déficit verificado na safra de verão certamente exerça uma influência sobre os preços no primeiro semestre (quando ainda não se tem segurança sobre a produção a ser obtida na safrinha). Como esta situação está praticamente resolvida para os Estados da região Sul (a produção estimada pela Conab, na primeira e na segunda safras, é cerca de 600 mil toneladas inferior à do ano passado na região), podem-se esperar preços semelhantes (talvez um pouco superiores) aos verificados no segundo semestre de 2011 na região. Do ponto de vista dos consumidores, a expectativa de preços estáveis é o que interessa.

O outro ângulo é o que vai acontecer com os preços da super segunda safra do Centro-Oeste. Neste caso, o 1,7 milhão de toneladas a mais, a ser colhido nos Estados de Goiás e Mato Grosso do Sul, pode ser escoado com certa facilidade, pois está relativamente perto dos consumidores de milho do Sudeste e do Sul do Brasil e pode contribuir para reduzir os preços no segundo semestre. O problema é o que vai acontecer com os 12 milhões de toneladas de milho a serem colhidas no Mato Grosso (4,1 milhões de toneladas a mais do que em 2011). Estas quantidades têm um potencial imenso de fazer um estrago considerável nos

preços do mercado regional (embora isto possa ser reduzido com a grande quantidade de milho já comercializada previamente no Estado de Mato Grosso), fato que certamente provocará uma demanda por intervenção do governo federal no mercado, com vistas a segurar um pouco os preços.

Existem instrumentos que viabilizarão a transferência de parte deste milho para o Nordeste (que, até onde se indica, terá problemas de abastecimento em decorrência de problemas climáticos), porém parte considerável deste milho terá que ser exportado.

Agora, vem a parte não definida. A situação de produção no hemisfério Norte se mostra até agora com perspectivas muito favoráveis nos Estados Unidos e na Ucrânia (que penetra cada vez mais no mercado internacional), porém os preços do milho se encontram em um patamar ainda elevado. Com a recente elevação da cotação do dólar frente ao real, as condições para exportação podem se tornar semelhantes às do ano passado. Porém, os preços internacionais podem desabar, caso as previsões de colheitas de milho nos países do Norte se tornem realidade.

Se por um lado as condições se mostram muito favoráveis (ou potencialmente), do lado do consumo as perspectivas são de estabilidade. Em recente avaliação postada no Avisite ("Que volume de frango o Brasil vai produzir em 2012?", em 15 de maio), a projeção de aumento da produção de carne de aves (que comanda o consumo interno de milho) se mostra modesta, com um incremento na casa de 1,4%, o que dificilmente exercerá alguma pressão sobre a quantidade ofertada, que cresce em um percentual muito superior.

De um modo geral, as perspectivas de preços para o segundo semestre se mostram favoráveis para os consumidores, pois os aspectos que podem conduzir a preços mais baixos são mais prováveis de acontecer e de magnitude superior do que os de sentido contrário.